

E417 /-Merquilha T473

a	b	c	d	e	f	g	h	
7								7

6								6

5								5

4								4

3								3

2								2

1								1
a	b	c	d	e	f	g	h	

FIGURA 4a) Esquema em flecha

NP 4036

1992

p. 46 de 54

CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE 35 mm	E 417.a2
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	
CÂMARAS PARA FOTOGRAFIA INSTANTÂNEA	E 417.b5
NE Câmaras fotográficas produzindo directamente uma imagem definitiva	
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÚDIO	E 417.b4
NE Câmaras fotográficas de focagem através de objectiva	
UP Câmaras fotográficas com tripé	
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	E 417.d5
TR FOTOGRAFIA	R 562
TE CÂMARAS DE FILMAR	
CÂMARAS STEREO	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	E 417.b3
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
TE CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE 35 mm	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	E 417.c4
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
TE CÂMARAS PARA FOTOGRAFIA INSTANTÂNEA	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÓDIO	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS MINIATURA	
CÂMARAS REFLEXAS	
CÂMARAS REFLEXAS	E 417.c3
TG CÂMARAS FOTOGRÁFICAS	
TE CÂMARAS REFLEXAS MONO-OBJECTIVAS	
CÂMARAS REFLEXAS DE DUAS OBJECTIVAS	
CÂMARAS REFLEXAS DE DUAS OBJECTIVAS	E 417.d2
TG CÂMARAS REFLEXAS	
CÂMARAS REFLEXAS MONO-OBJECTIVAS	E 417.c2
TG CÂMARAS REFLEXAS	
CÂMARAS DE FILMAR	E 417.c4
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
TE CÂMARAS DE CINEMA	
CÂMARAS DE TELEVISÃO	
CÂMARAS DE CINEMA	E 417.f4
TG CÂMARAS DE FILMAR	
TE CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	
TR CINEMA	R 688
CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	E 417.g4
TG CÂMARAS DE CINEMA	
TG CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	

FIGURA 4b) Índice alfabético do esquema de flechas

CÂMARAS DE TELEVISÃO	E 417.e3
TG CÂMARAS DE FILMAR	
TR TELEVISÃO	R 685
CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	E 417.e6
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
TE CÂMARAS DE CINEMA SUBAQUÁTICAS	
TR MERGULHO	T 473
CÂMARAS STEREO	E 417.c6
TG CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
CÂMARAS FOTOGRÁFICAS COM TRIPÉ	
USE CÂMARAS FOTOGRÁFICAS DE ESTÚDIO	
CINEMA	R 668.d5
TR CÂMARAS DE CINEMA	E 417
FOTOGRAFIA	R 562.d5
TR CÂMARAS PARA TOMADA DE VISTAS	
MERGULHO	T 473.g5
TR CÂMARAS SUBAQUÁTICAS	E 417

FIGURA 4b) Índice alfabético do esquema de flechas

NP 4036

1992

p. 48 de 54

10. Gestão da construção do tesouro

10.1. Métodos de compilação

10.1.1. Se possível, deve tomar-se uma decisão quanto à forma do tesouro (listas alfabéticas, apresentação sistemática, apresentação gráfica) antes de coligir e escolher os termos a incluir. Para esta fase inicial da elaboração são possíveis duas abordagens:

a) Método dedutivo

Para aplicar esta técnica, extraem-se termos de documentos no decorrer de uma fase preliminar de indexação sem tentar controlar o vocabulário ou determinar as relações entre os termos, até que se tenha recolhido um número suficiente. Todos os termos são, em seguida, examinados por um grupo de especialistas constituído, de preferência, por indexadores e especialistas do assunto considerado. Estes especialistas devem, primeiro identificar os termos que representam as categorias mais genéricas, afectando os outros termos a estas categorias, partindo do geral para o particular. O controlo do vocabulário deve efectuar-se à medida que se vão estabelecendo as categorias, seguindo os princípios descritos de 5 a 7.

b) Método indutivo

Com este método, admitem-se no tesouro os novos termos à medida que vão sendo encontrados nos documentos. Efectua-se o controlo do vocabulário desde o início e cada termo, no momento da sua admissão, é colocado numa ou várias categorias anteriormente estabelecidas. Desta forma o tesouro é construído partindo do particular para o geral. A elaboração do tesouro é considerada desde o seu início como um processo contínuo e, ainda que se deva procurar a assistência de técnicos especialistas, estes não têm necessariamente de fazer parte do grupo formal de redacção.

10.1.2. Na prática, é provável que se empregue tanto o método dedutivo como o método indutivo, num ou noutro momento da construção do tesouro. Por exemplo, as categorias dos termos previamente estabelecidas por indução podem, posteriormente, ser examinadas pelo método dedutivo por um grupo que integre indexadores e especialistas. Estas duas técnicas são essencialmente empíricas e é necessário ter em conta, desde o início, que certas decisões, tomadas no decorrer da primeira fase do trabalho, podem ter de ser revistas à medida que se vai adquirindo uma experiência complementar. A adição de novos termos a uma linguagem de indexação esclarece muitas vezes as decisões precedentes relativas quer aos termos quer às suas relações. Os indexadores devem controlar frequentemente os termos e as hierarquias para se assegurarem que as relações, a subdivisão dos termos compostos, etc., se mantêm de acordo com os princípios gerais utilizados no início. Recomenda-se vivamente que se peça parecer a um especialista no momento da escolha entre sinónimos e variantes de forma de um termo.

10.2. Registo dos termos

Deve conservar-se, por exemplo numa ficha, um registo individual dos termos admitidos num tesouro. Este registo deve ser feito logo que o termo é aceite e deve identificar a fonte (em particular no caso de neologismos e termos pouco familiares), o nome das autoridades consultadas, a data da inclusão bem como as relações com sinónimos, termos genéricos, específicos ou relacionados.

10.3. Verificação dos termos

Quando possível, é necessário verificar se um termo está correcto antes da inclusão, e o indexador deve também examinar as relações entre cada novo termo e

os outros termos da hierarquia à qual este pertence. Quando se têm termos candidatos à inclusão é necessário controlá-los recorrendo a:

- a) dicionários técnicos e enciclopédias;
- b) tesouros;
- c) classificações.

Os especialistas de um determinado assunto devem também ser consultados, especialmente se tiverem alguns conhecimentos de indexação.

10.4. Especificidade

A utilização de termos muito específicos deve ser restringida à essência do domínio coberto pelo tesouro, porque a utilização extensiva destes termos em domínios marginais conduziria a um tesouro pouco manuseável e mal equilibrado (veja-se também 8.2.4). Num organismo que trate documentos que cubram vários domínios, pode ser necessário utilizar vários tesouros especializados, ligados cada um deles a um tesouro geral, menos específico, ficando todos eles compatíveis entre si.

10.5. Admissão e supressão de termos

10.5.1. Os termos e as suas relações devem reflectir, de uma maneira geral, as formas de utilização da língua falada pelos especialistas do domínio coberto pelo tesouro. Se um termo de uso corrente é subdividido para seguir princípios lógicos (veja-se 7.3), é preciso prever uma remissiva da sua forma completa para os termos a utilizar.

10.5.2. Quando se estabelecem hierarquias, em particular durante as primeiras fases do método indutivo, os termos escolhidos que ainda não tenham sido utilizados na indexação entram frequentemente no tesouro com o fim de poderem fornecer pontos de acesso úteis e, eventualmente, poderem vir a tornar-se descritores. Estes termos devem ser assinalados num ficheiro de autoridade com um símbolo especial ou com uma expressão tal como «ainda não utilizado», sendo estes eliminados logo que forem utilizados na indexação de documentos.

10.5.3. No que se refere aos termos muito utilizados bem como aos raramente utilizados, deve prever-se a sua supressão dado que estes dois tipos de termos são geralmente ineficazes na recuperação. Nalguns casos, pode substituir-se um termo muito utilizado por dois ou mais termos mais específicos. Se num tesouro se suprime um termo que já tinha sido utilizado para indexação, o mesmo deve manter-se no tesouro com indicação «só para recuperação» e com a data da supressão.

10.6. Utilização de equipamento para processamento automático de dados

10.6.1. Na presente Norma é suposto que a escolha dos termos, da sua forma, etc., releva de decisões intelectuais por parte dos indexadores. Pode utilizar-se o apoio de um computador para algumas das tarefas, como as que a seguir se indicam:

- a) Identificação automática de termos candidatos, a partir da leitura feita pelo computador, por exemplo dos títulos e dos resumos. O número dos termos potenciais será em primeiro lugar reduzido através da utilização de uma lista de palavras vazias, sendo os outros termos comparados àqueles já integrados no tesouro. Os termos não reconhecidos podem ser considerados como potenciais candidatos para inclusão;

- b) Em sistemas de indexação automática, a frequência de utilização de um termo na indexação (e também talvez de recuperação) pode ser registada automaticamente. Os termos que apresentem frequências muito elevadas ou muito baixas de utilização devem ser considerados como candidatos a supressão.

10.6.2. Os equipamentos electrónicos e os programas disponíveis podem, por vezes, impor limitações a certas características do tesouro. As características que a seguir se indicam são as mais susceptíveis de ser afectadas:

- a) O número de caracteres autorizados para um termo;
- b) O jogo de caracteres, incluindo a pontuação, disponível na impressora;
- c) O número de níveis na apresentação sistemática.

Os indexadores devem ter acesso aos equipamentos e programas com capacidade para o tratamento das necessidades especiais dos tesouros. Não deve ser necessário adaptar o tesouro ao funcionamento de uma máquina inadequada.

10.7. Forma e conteúdo de um tesouro

10.7.1. Não se pode recomendar uma apresentação normalizada para um tesouro impresso em face das múltiplas possibilidades de apresentação (veja-se 9.).

Contudo, devem distinguir-se as partes seguintes:

- a) página de título;
- b) índice;
- c) introdução (veja-se 10.7.2);
- d) apresentação sistemática ou gráfica, conforme o caso;
- e) apresentação alfabética.

10.7.2. Todos os tesouros devem conter uma introdução completa, indicando claramente os pontos seguintes:

- a) objectivo do tesouro;
- b) o ou os domínios cobertos, distinguindo os domínios marginais dos domínios centrais;
- c) o significado de todas as convenções, abreviaturas e símbolos;
- d) o número total dos termos, de descritores e não-descritores;
- e) as regras adoptadas na escolha dos termos preferenciais e suas inter-relações;
- f) as regras de ordenação utilizadas seguindo, se possível, as Normas nacionais ou internacionais (a citar);
- g) o sentido dos sinais de pontuação utilizados na forma não normalizada; h) as regras de política de actualizações e o nome e endereço do organismo responsável para onde se podem enviar comentários e sugestões;
- i) data da introdução do último termo.

Sempre que possível estes pontos devem ser ilustrados com exemplos.

10.8. Questões diversas relativas à edição

10.8.1. Notificação de intenção

Quando um organismo decide publicar um novo tesouro, a notificação de intenção deve ser anunciada num jornal profissional apropriado.

10.8.2. Evitar trabalho em duplicado

O organismo deve assegurar-se, de preferência, junto a uma das entidades abaixo indicadas, se existe já um tesouro que cubra o mesmo domínio ou parte deste. É raro encontrar-se uma duplicação exacta de um dado domínio, mas o acesso a um ou vários tesouros de domínios afins pôde muitas vezes ser um ponto de partida útil.

10.8.3. Depósito junto de um centro de orientação para a informação

O organismo deve depositar um exemplar da primeira edição e de todas as edições seguintes na entidade nacional apropriada e nos seguintes centros de orientação para a informação internacionais:

- a) Tesaurös em inglês ou multilingue contendo uma secção em língua inglesa:

Thesaurus Clearinghouse
The Library
Faculty of Library Science
University of Toronto
140 St George Street
TORONTO
Ontario M5S 1A1
Canada

- b) Tesauros noutras línguas:
Instytut Informacji Naukowej,
Technicznej i Economicznej
Clearinghouse
ul. Zurawia 3/5
00-926 WARSZAWA Poland

10.8.4. Fase experimental

Recomenda-sê que se teste o tesouro por meio de uma experiência piloto, antes da publicação. A versão provisória deve ser distribuída a um grupo escolhido de utilizadores e o editor deverá ter em consideração todas as sugestões relativas a alterações aos termos e/ou às suas relações. Em seguida, o tesouro será submetido a um exame aprofundado depois de ter sido utilizado durante um certo tempo e com intervalos regulares, tendo em conta as modificações na utilização dos termos no domínio coberto pelo tesouro e a sua frequência de utilização na indexação e/ou recuperação.

11. Referência à normalização internacional

Esta Norma está harmonizada com a Norma Internacional ISO 2788(1986)
«Documentation. Guidelines for the establishment and development of monolingual thesauri».

ANEXO Símbolos para as relações do tesouro
(Este anexo faz parte integrante da Norma)

A.1 Ao longo da presente Norma utilizaram-se os símbolos seguintes para exprimir as relações básicas dos tesouros:

Relação de equivalência

USE precede o descritor

UP precede o não-descritor

Relação hierárquica

TT Termo de topo

TG Termo genérico

com as seguintes distinções suplementares

TGG Termo genérico genérico

TGP Termo genérico partitivo

TE Termo específico

com as seguintes distinções suplementares

TEG Termo específico genérico

TEP Termo específico partitivo

Relação associativa

TR Termo relacionado

Em tesouros publicados noutras línguas, encontrar-se-ão símbolos equivalentes (veja-se 4.2).

A.2 Estes símbolos adquiriram, graças a uma utilização generalizada, o estatuto de convenções normalizadas, mas estão, por outro lado, extremamente dependentes da língua utilizada. Nos organismos onde se faz indexação e que trabalham com utilizadores de diferentes línguas e aqueles que constroem tesouros multilingues, poderão preferir um sistema de símbolos mais neutro ou mesmo independente da língua utilizada. O quadro seguinte, estabelecido pela ISO, é dado como um sistema possível.

Símbolos	Significado
	Relação de equivalência
=	Símbolo que precede: a) o termo preferencial b) o não-descritor
	Relação hierárquica
<	Símbolo que precede: a) o termo genérico
>	b) o termo específico
⊆	c) o termo genérico partitivo
⊇	d) o termo específico partitivo
	Relação associativa
-	Precede os termos relacionados
+	Combinação
	colocado entre dois termos significa que estes se devem utilizar em combinação para representar uma noção complexa.

Alguns destes símbolos não aparecem nos teclados normalizados das máquinas de escrever, mas estão disponíveis em muitas impressoras de computadores e podem ser reproduzidos sem dificuldade em tesouros compostos manualmente ou por fotocomposição.

A.3 Estas convenções são destinadas, unicamente, a representar as relações em tesouros impressos. Em tesouros suportados por sistemas automatizados (disco ou banda) elas podem ser expressas por qualquer combinação de caracteres, desde que as convenções sejam respeitadas na forma impressa.

Índice

	pág.
0. Preâmbulo	3
1. Objectivo e campo de aplicação	4
2. Referências	5
3. Definições	5
4. Abreviaturas e símbolos	6
5. Controlo do vocabulário	8
6. Termos de indexação	8
6.1. Generalidades	8
6.2. Forma dos termos	9
6.3. Escolha da forma singular ou plural	11
6.4. Homógrafos ou polissemos	13
6.5. Escolha dos termos	13
6.6. Notas explicativas e definições	16
7. Termos compostos	16
7.1. Generalidades	16
7.2. Termos que devem ser mantidos na forma composta	18
7.3. Termos que devem ser decompostos sintacticamente	19
7.4. Ordem das palavras nos termos compostos	22
8. Relações básicas num tesauro	22
8.1. Generalidades	22
8.2. Relação de equivalência	22
8.3. Relação hierárquica	24
8.4. Relação associativa	28
9. Apresentação dos termos e suas relações	32
9.1. Generalidades	32
9.2. Apresentação alfabética	33
9.3. Apresentação sistemática	35
9.4. Apresentação gráfica	41
10. Gestão da construção do tesauro	48
10.1. Métodos de compilação	48
10.2. Registo dos termos	48
10.3. Verificação dos termos	48
10.4. Especificidade	49
10.5. Admissão e supressão de termos	49
10.6. Utilização de equipamento para processamento automático de dados	49
10.7. Forma e conteúdo de um tesauro	50
10.8. Questões diversas relativas à edição	50
11. Referência à normalização internacional	51
ANEXO Símbolos para as relações do tesauro	52